

# A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,  
JOÃO DE SOUSA \*

SECRETARIO DA REDACÇÃO,  
FRANCISCO GUIMARÃES \*

ADMINISTRADOR,  
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)  
Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.  
Brasil (moeda forte) . . . . . 1200 >

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º  
Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Annuncios (Preços convencionaes)  
Não se publicam escriptos que tentem ferir  
qualquer individualidade  
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

## O descanso dominical por lei

**A nossa attitude—“A Fraternidade” vae trabalhar—A’ imprensa, á classe, ao paiz e ao governo—Em favor do descanso por lei, o nosso jornal pede o auxilio valioso de toda a imprensa**

Este jornal é de caixeiros; lucta dedicadamente em favor da classe que humildemente representa, e, por estes factos, deve marchar, sempre de vizeira erguida, ao lado d’aquelles que, de alma e coração, se teem empenhado na conquista de uma regalia justissima, humana e verdadeiramente adequadíssima lei geral que faculta a todo o individuo o direito de desejar o seu bem, de anciar o final da sua oppressão.

Nós temos mantido uma attitude completamente independente de qualquer grupo, dizendo sobre os casos que se nos deparam o que conscienciosamente entendemos e pensamos.

Não nos accusa a consciencia de havermos praticado um erro, nem de termos deixado de cumprir os deveres que a nossa qualidade de directores de um jornal de uma classe salariada nos impõe.

Temos sido muito sinceros quanto crentes na ideia de que um dia havemos de vencer, por que a Justiça e a Razão não-de vingar.

Lucte a classe, mas lucte decididamente, na conquista dos seus direitos, porque nós saberemos continuar a acompanhá-la em todas as phases do combate, dando-lhe incitamento e coragem para caminhar defendendo a sua justissima causa.

Approxima-se a abertura das duas camaras electivas. E, depois de bastantes mezes de descanso, em que nada se produziu em beneficio da aspiração da nossa classe, é justo que se quebre esse silencio e se rompa energicamente, procurando meios de se obter dos poderes do Estado a almejada lei do descanso dominical. São já muitos os processos de que se tem lançado mão para se conquistar aquella prerrogativa; foram, os governos, sempre preocupados em servir os afilha-

dos e entretidos em cousas politicas, não-se conservado completamente indifferentes aos rogos successivos de uma classe numerosa e educada, —que tem sabido luctar com ordem e soffrer com a esperança em melhores dias — que não são outros que pedir Justiça, Justiça e só Justiça.

«A Fraternidade», na sua ainda curta existencia, tem-se conservado na expectativa, acompanhando os acontecimentos: — porém, hoje, reconhecemos que é necessario luctar, que é preciso empenhar todas as forças, todas as energias e dedicações, mostrando ao governo que ainda se não apagou aquelle calor com que principiaram os trabalhos de reclamação da lei do descanso dominical.

E, reconhecendo isso, «A Fraternidade» vae trabalhar, empenhando-se decididamente na conquista d’aquella regalia. Vae solicitar de toda a imprensa portugueza o seu apoio á petição do caixeirato portuguez, no sentido de ao parlamento ser enviada uma representação da imprensa peticionando a approvação de uma lei que tenha por fim garantir ao empregado do commercio e a todos os que trabalham, um dia de repouso após seis de occupação.

E estamos bem certos de que todos os nossos camaradas das lides jornalisticas, que tão devotadamente e por tantas vezes se não manifestado pela palavra e pela penna a favor da causa dos caixeiros portuguezes, não deixarão de mais uma vez darem o seu grande e valiosissimo apoio á nossa justa pretensão.

### A’ IMPRENSA,

pois, pede desde já «A Fraternidade» que abra as suas columnas em nosso favor, erguendo a sua voz auctorizada e consciante em defeza dos opprimidos.

### A’ CLASSE,

tambem este jornal pede que

continue, com todo o entusiasmo e fé, a luctar pela decretação do descanso dominical, seguindo a orientação dada a estes trabalhos pelo segundo congresso da nossa classe e pelas respectivas comissões do descanso, promovendo reuniões publicas onde seja votada a necessidade de ser regulado por lei o descanso dominical.

### AO PAIZ E AO GOVERNO,

apresentamos a «lei» dos negociantes de chapéus do Porto, pela qual estes estabeleceram, de accôrdo commum, o encerramento dos seus estabelecimentos aos domingos, o que é a prova mais eloquente de que da classe commercial os caixeiros teem o mais decidido apoio á sua justa pretensão.

E tambem lhes apresentaremos diversas opiniões dos nossos mais distinctos e nomeados medicos, de deputados e ministros, sobre o descanso dominical, pelas quaes todos consideram uma prerogativa justissima e uma necessidade urgente o seu estabelecimento no nosso paiz.

Vejam e apreciem os diversos documentos que hoje reproduzimos.

### A’ imprensa de todo o paiz

vae em breves dias «A Fraternidade» enviar a petição que a seguir publicamos, solicitando a sua cooperação em favor da causa do caixeirato portuguez.

«Excellentissimo senhor:

A missão que a nossos hombros tomamos, de defender no campo do jornalismo portuguez os direitos da classe dos caixeiros, embora com humildade e incompetencia, dá-nos talvez o direito de vos chamar — collegas —; e, d’ahi, o dever que temos e que gos-

tosamente cumprimos, de vos saudar respeitosamente.

Illustres collegas:

Ha muito tempo que a classe dos empregados de commercio vem empenhada na conquista ou obteção, dos poderes do Estado, de uma lei que a todo o trabalhador garanta um dia de repouso, após seis de enfadonho e mal recompensado labor.

Os esforços que n’este sentido se teem empregado, não sido muitos e por diversos modos orientados.

Porém, não se chegou ainda ao fim d’essa campanha ordeira que se tem mantido, apesar de toda a imprensa do nosso paiz, sem excepção de nenhum periodico, ter procurado, nas suas columnas, demonstrar, pelo lado hygienico e moral, o quanto é necessario dar repouso ao trabalhador.

E convencidos de que d’essa mesma imprensa continuaremos a merecer o favor e apoio poderosissimo ás nossas pretensões, que são justissimas, e perfeitamente harmonisadas ás modernas phases do Progresso e da Civilisação, ousamos circular a toda a imprensa, pedindo:

1.º Que nas columnas dos jornaes seja novamente aberta uma defeza decidida em favor da decretação do descanso dominical para a classe dos caixeiros e demais classes;

2.º Que assigneis, perfilhando o pedido n’ella formulado, uma representação da imprensa portugueza ao Parlamento, pedindo a promulgação da lei acima referida;

3.º Que essa representação, nas vespas da sua entrega ao deputado que a apresentará na respectiva Camara, seja publicada, na integra, em todos os jornaes, sendo essa publicação acompa-

**A victoria dos caixeiros de Coimbra**

nhada de algumas considerações que sobre ella entendaes por conveniencia dever elucidar.

Sabeis, senhores, que hoje, a imprensa figura no primeiro logar das instituições sociaes e a sua opinião, o seu esforço em favor de qualquer prerogativa, se tornam respeitaveis e productivos. Por isso nós confiamos plenamente em que vós não deixareis de, por mais uma vez, dar o vosso auxilio á nossa causa, empenhando-vos, como já o haveis feito, na sua proxima solução.

Para a boa regularidade d'este trabalho, solicitamos-vos o favor de nos dizer se poderemos contar com a vossa annuencia a este pedido; para no caso affirmativo, vos enviarmos a representação acima referida, que será submettida á vossa apreciação.

Aguardam a vossa resposta sobre o assumpto, os que se subscrevem, com o maior respeito e consideração.»

**«Aurora do Lima»**

Honrou-nos com a sua permuta este illustre collega, um dos mais bem religidos jornaes dos que se publicam em Vianna do Castello. Occupando, por antiguidade, o primeiro logar entre todas as folhas do Minho e contando no numero dos seus collaboradores espiritos de incontestavel merecimento, é-nos grato registrar a honra com que nos distinguim e felicitamos muito cordealmente o velho collega pelo seu 31.º anniversario.

Como um batalhador antigo, mas ainda cheio de vida, encobrindo com cuidadosa caracterisação o seu meio seculo de existencia, a «Aurora do Lima» sobresahe ainda hoje pelo valor dos seus talentosos collaboradores e pela penna scintillante de invulgar intelligencia, que tem acompanhado com interesse todas as phases brillantes d'aquelle jornal. Assim, os numeros que tems presentes, inserem collaboração do padre Silvino de Sousa, orador sagrado dos mais distinctos; Antonio Cardiellos, poeta delicado; João Caetano da Silva Campos, jornalista vigoroso e uma das intelligencias mais esclarecidas que Vianna possui; e dr. Rodrigo Veloso, biographo notavel.

Se quizermos fazer uma critica longa e justa do valor litterario da «Aurora do Lima», bastará folhear-mos o passado d'aquelle jornal e citar os nomes de escriptores conhecidos que n'elle collaboraram. Não cabe isso em uma noticia escripta á pressa, nem a indole do nosso quinzenario nos permite entrar em largas divagações.

Felicitando o collega, desejamos-lhe muitas prosperidades.

**«A Voz do Caixeiro»**

Já recebemos este nosso collega da capital que, por longo tempo, deixou de nos ser remettido, ignorando nós o motivo ou motivos do caso.

Cada um dia que passa, é mais um poderoso incentivo que vem fortalecer a esperanza de que em um dia, que não virá muito longe, o caixeirato portuguez triumphará.

E' que, ao já grande numero dos defensores da nossa pretensão, nós vemos, dia a dia, juntarem-se elementos de grande valia, ventos preponderantes no commercio, na industria e nas regiões politicas. E tudo isto, reunido em um corpo de defensores da causa do caixeirato portuguez, levará de vencida, em época não demorada, a victoria final de tantos esforços consumidos na affirmação d'esse supremo ideal dos trabalhadores portuguezes: a sua Liberdade.

A Associação Commercial de Braga, que á sua frente tem um d'aquelles patrões dignos, que sabem reconhecer-nos o direito e a justiça de lutar em prol do descanso dominical, Manoel Bento de Carvalho, metteno hombros ao estabelecimento do encerramento das casas de modas aos domingos, durante todo o dia, e venceu.

Depois, os chapeleiros do Porto, acordaram em encerrar tambem as suas portas, firmando um d'aquelles documentos que honra e dignifica todos quantos o firmam.

A seguir, a Associação Commercial de Setubal, com a dos caixeiros locais, consegue dos negociantes igual facto. E hoje, a briosa Associação Commercial de Coimbra, presidida pelo respeitavel negociante Francisco Villaça da Fonseca, e com o Atheneu Commercial da mesma cidade, de que é presidente o collega Raul Fernandes, deram ao commercio de todo o paiz um exemplo nobilissimo de civilisação, conseguindo dos commerciantes a não reabertura dos estabelecimentos aos domingos!

Se ha casos que muito nos encorajam para proseguirmos ousadamente na pesada empresa a que mettemos hombros, que é lutar decididamente pela defeza d'essa causa nobre e altruista dos caixeiros, estes que vimos de apontar não só reanimam as forças que por ventura hajámos perdido, mas até nos fazem convencer de que a breve trecho de tempo poderemos cantar os hymnos festivos da nossa liberdade.

O que é preciso, é lutar consecutivamente; e mais preciso ainda do que isso, é estreitar cada vez mais a união da classe, tornando todos os caixeiros em soldados firmes e de antes quebrar que torcer.

Se em tempo algum precisarmos de muita propaganda e de muita energia, hoje, que o commercio vemos ir-se reconhecendo a nossa justiça, de mais propaganda e de mais energia precisamos, procurando reunir todos os elementos que muito ou pouco possam produzir em beneficio da nossa tão nobre causa.

A' classe, para quem escrevemos, pedimos essa união e essa energia; porque, pela *audacia e sempre audacia*, venceram os elementos democraticos da França, venceram os nossos collegas da Hespanha e venceram tambem pela mesma audacia, união e energia, os camaradas de Paris, que ha dias se fizeram em greve para conquistar um direito que pela evolução pacata reconheceram de impossivel conseguimento.

A' Associação Commercial de Coimbra, nós apresentamos os respeitos que sempre nos merecem aquelles que á nossa classe dão auxilio para a conquista dos seus direitos. Ao Atheneu Commercial, como representante da classe de Coimbra, nós dirigimos as mais cordaes felicitações pela victoria alcançada e fazemos votos por que a regalia obtida seja de duração, como é de esperar d'elles que tem no nome a honra, a dignidade e o brío.

Oferecido pelo nosso presadissimo amigo e distincto collega José Augusto da Silva Guimarães, foi-nos remettido um lindissimo lenço de papel phantasia, que por certo foi distribuido em Coimbra no dia 7 do corrente, data em que principiou a vigorar o encerramento do commercio local, e que, na realidade, foi uma bellissima ideia para propagandear pelo povo a justa causa dos caixeiros.

D'elle são os pensamentos e versos que seguem:

*Como toda a gente, tendes um espirito que precisa de luz e um coração que precisa d'amor.*

THOMAZ DA FONSECA.

*E é por isso, por ser o descanso semanal um principio de justiça e de interesse geral, que ha muito o tenho inscripto entre as indicações liberas do meu programma.*

DR. BERNARDINO MACHADO.

*Fechar (aos domingos) as portas do commercio é abrir um pouco as portas da liberdade.*

*Povo! Não faças nunca as vossas compras aos domingos, e teris concorrido assim para a realisção do supremo ideal dos vossos filhos — os caixeiros!*

**NOVA AURORA**

Talvez que, enfim, seja agora Olhae, vêde, ó mocidade... Será o romper da aurora D'um dia de liberdade?

O dia cheio d'amor, Que as vossas almas seduz? Esse dia redemptor, Sublime, cheio de luz?

O' almas encarceradas, Depois de tanta agonia, Ireis vós ser libertadas? E' chegado o vosso dia?

Mas... escutae, mocidade; O sol formoso e risonho Que vêdes, será verdade? Ou não passará d'um sonho?

Será, pois chegada a hora D'ir depôr a vossa cruz? Mas quem me diz que esta aurora Não seja illusão de luz?!

Coimbra, 7 de janeiro de 1906.

Nicolau da Fonseca.

**Coimbra, 7**

*O encerramento commercial— A' ex.<sup>ma</sup> Direcção da Associação Commercial.*

No domingo ultimo, o dia marcado por vós para o encerramento geral do commercio ao meio dia para ser reaberto sómente na segunda-feira seguinte, foi-nos lida recatadamente e á porta fechada, na sala da vossa Associação, uma mensagem offerecida pelo Atheneu Commercial d'esta cidade, não como paga do vosso trabalho que visteis coroado d'um exito brillante, mas como lembrança singela da nossa louca alegria como crianças em dia de festa.

Apesar de n'essa sala onde recebesteis a commissão não ser permittida a entrada aos caixeiros que aguardavam esse momento solemne para vos saudarem e agradecerem, eu como caixeiro humilde e obscuro pensador entre esta numerosa familia para quem vós desde esse dia marcasteis uma nova era de paz, d'amor e d'alegria, venho n'um cumprimento d'um dever, render-vos, por este meio, o meu sincero preito de gratidão pelo amor que dedicasteis desinteressadamente a uma causa tão elevada e nobre.

Dentro d'essa modesta e simples pasta de peluxe de seda verde com cantos de prata fosca, não ia encerrado sómente um papel esbranquiçado com palavras escolhidas e escriptas a capricho por um litterato qualquer da nossa classe, não!

Dentro d'ella ia encerrado tambem o nosso coração, a nossa dedicação e reconhecimento eterno por vós, commerciantes honrados e fieis cumpridores da vossa palavra, que tão bem soubesteis comprehender um dever que a civilisação vos impunha, e um direito que por justiça nos pertencia.

**Coimbra-Club** — Realizou-se na tarde do dia 1 do corrente, no vasto salão d'esta tão sympathica como util sociedade, uma festa de caridade, que mereceu, não só de toda a imprensa do paiz como de todo o povo coimbricense, os mais calorosos applausos pelo fim altamente nobre que a inspirou.

Comquanto a fundação do Club fosse, segundo rezam os estatutos, para promover diversões que pelo seu bello poderem atrahir a Coimbra grande numero de forasteiros para bem do commercio e da cidade, não posso deixar de felicitar os promotores d'esta louvavel festa, fóra do seu programma, pela prova de amor e dedicação ex-

trema que acabam de dar pelos destituídos da sorte, offerecendo em sua casa um bôdo a cincoenta crianças pobres.

N'esta mesma associação realisou-se na noite de 6 para 7 do mesmo mez, um baile que decorreu no meio do maior brilho, dansando se animadamente até altas horas da noite.

A ornamentação deslumbrante era de *Quim Martins*, e o amor foi feito *platonicamente* por *Saul d'Almeida*.

Agradecendo á ex.<sup>ma</sup> Direcção a amabilidade do convite para estas duas festas, peço licença para lembrar a approximação do carnaval.

Julio.

## Ruidos do Vez

E' para mim um violento sacrificio, quando, por justa e devida honra, me obriga a consciencia, falar da nossa pobre e desventurada classe, que tanto e energicamente tem luctado, pugnando sempre por um dever assás obrigatorio; e, finalmente, baldados tem sido todos os esforços empregados n'essa contenda, pois que, apesar da nossa classe ser hoje uma das maiores, das mais civilizadas, e das mais instruidas, é a que menos auxiliada tem sido, a mais sacrificada e a que de menos vantagens goza.

Não terá ella força necessaria para reclamar esse dever, — o descanso dominical? Tem De sobejo o sabemos. Mas, o que não tem, é a coragem precisa, para avançar para o campo da batalha a peito descoberto, resistir a todos os contra-tempos e reclamar o que fôr de justiça.

Não haja então temeridades!...

Pois a paciencia exgotou-se.

Mais um anno passou, sem que os ruidosos desejos por nós ha muito ambicionados, fossem satisfeitos como muito bem o prometteram

Por isso, oh valentes e corajosos confrades, se vos pulsa no coração o sangue luso de patriotas amigos e defensores constantes d'esta infeliz classe, avança... avança para terminar com esta chuva de sacrificios insanos.

—Sinto devéras o não poder, quinzenalmente, apresentar á redacção d'este nosso benqueridito protector, duas linhas, referentes aos vaivens da classe, aqui, n'esta risouha villa do Vez.

Porém, não tenho que lamentar, pois que a pouca união, o pouco zêlo, interesse e agiliidade que aqui reina entre os nossos confrades, assim o permite.

De muitas terras, talvez inferiores a esta, eu leio a cada passo em jornaes de classe, tão bonitas noticias, aonde demonstra a grande adhesão civica e moralmente aliados á classe dos empregados no commercio.

Tambem já aqui tivemos o descanso ao domingo, ou por outra, umas poucas horas de folga em cada semana, encerrando-se os estabelecimentos ás duas horas da tarde e reabrindo no mesmo dia á noite.

Tinhamos, tambem, uma casa de associação denominada «Centro recreativo dos empregados no commercio»; tudo em baixa escala, sim, mas com muito bons principios.

Hoje, já nada existe.

Tudo se evia com o tempo, não é verdade? Mas, infelizmente, estas poucas regalias de que gosavamos, não foi com o tempo que se ellas esvaíram, não! Porque, só pôde sustentar-se um anno pouco mais ou menos. Foi com o desleixo, com o abandono, com o pouco interesse que havia em progredir, marcando-se reuniões por diversas vezes, e os socios d'aquella aggremação, ou seja-nos nós empregados, grandes influentes d'enlão, e, até, os proprios que compunham a meza, já ninguem apparecia, tudo se retirava, ora para passeios recreativos, ora para muitas vezes prejudicarem na sua conducta, achando-se em varios pontos não muito propicios para um caixeiro que respeita as lides com que tem de aguentar.

Por hoje ponho ponto na minha correspondencia.

—A' hora que escrevo, acaba de passar a caminho da necropole, destruidora dos nossos seres e ultima morada que uma pessoa vae habitar, o cadaver de um bondoso coração que em vida soube grangear á custa do seu bom caracter, innumeradas sympathias; era elle o benqueridito serralleiro e hoje proprietario, Manoel Joaquim de Freitas Veloso.

Arcos, 11.

Magalhães Junior.

## Rectificação

No ultimo numero de «A Fraternidade», de 30 do proximo passado, e n'uma correspondencia assignada pelo auctor d'estas linhas, saíram algumas erratas que facilmente seriam corrigidas pelo leitor. Entretanto, vou reparar algumas d'ellas — as mais importantes:

Na 1.<sup>a</sup> columna, linha 32.<sup>a</sup>, em vez de ler-se — «porque para com memorar um nome por todos os titulos glorioso» — deve-se ler: «para comemorar um nome», etc.

Na 4.<sup>a</sup> columna, 26.<sup>a</sup> linha, deve augmentar-se a este periodo: «... uma das principaes origens d'essa doenca».

Na 1.<sup>a</sup> columna da 2.<sup>a</sup> pagina, no periodo que começa — Por alvitre — deve ler-se: «Por alvitre d'uns collegas foi coavidada a Sociedade Capricho para nos acompanhar ao recinto onde devia formar-se o cortejo. Após alguns minutos chegou a philarmonica referida, com o seu estandarte, ouvindo-se n'esta occasião muitos vivas á Associação.»

Desculpem-me os collegas estes erros involuntarios, não só os que rectifico, como outros que saíram.

Setubal, 11 — 1 — 96.

J. L. Cavaco.

## Accordo dos negociantes de chapéus, do Porto

«Os abaixo assignados, negociantes de chapelaria estabelecidos n'esta cidade do Porto, declararam pelo presente, ter concertado de communi accordo entre si, o completo encerramento de seus respectivos estabelecimentos aos domingos, devendo principiar a vigorar a lettra d'este accordo no primeiro domingo do mez de julho p. com as clausulas seguintes:

1.<sup>a</sup>—A não abrirem as portas dos supracitados estabelecimentos aos domingos para negocio de qualidade alguma, mas tão sómente para serviço dos moradores do predio, caso não haja no mesmo porta independente da loja para tal fim.

2.<sup>a</sup>—A não concluirem encomenda alguma, nem tratarem de qualquer trabalho ou limpeza, senão com as portas fechadas.

3.<sup>a</sup>—Desde que se acclare e comprove que algum dos signatarios d'este documento transgredin as condições supramencionadas, fica sujeito:

a) A pagamento d'uma multa de 40\$000 réis pela primeira vez, que será aggravada com o augmento de 20% em caso de reincidencia.

b) Da importancia da multa de 40\$000 réis serão deduzidos logo 10\$000 réis que serão dados como premio á pessoa que denunciar e provar a transgressão.

4.<sup>a</sup>—O signatario que por qualquer motivo ou circumstancia queira renunciar ao presente accordo, será obrigado a pagar para um estabelecimento de caridade uma multa de cem mil réis.

5.<sup>a</sup>—Este contracto ou accordo, embora particular, só poderá caducar quando a maioria dos seus signatarios o resolver.

Para a respectiva fiscalisação e rigorosa observancia do que n'este accordo fica estatuido, delegam os signatarios todos os poderes n'uma commissão composta dos seguintes srs: Antonio da Fonseca Souza, D. Marianna Adelaide Ferreira da Cunha, Antonio Augusto Baptista, Francisco do Amaral e José Carvalho da Silva, á qual compete tambem receber qualquer multa que haja de applicar-se e fazer a sua distribuição pelos estabelecimentos de beneficencia e caridade d'esta cidade.

Porto, 8 de Junho de 1905.

Antonio da Fonseca Souza  
José Ferreira da Cunha, por procuvação  
Antonio Augusto Baptista  
Francisco do Amaral  
José Carvalho da Silva  
Antonio Alberto  
José Joaquim Marques Nogueira  
Lutz Marques da Silva, Lopes  
Manoel Fernandes Paulo  
Antonio da Cunha L. Guimarães  
Antonio José Pereira Braga Junior  
Lopes de Moraes  
Manoel da Costa Ribeiro  
Francisco Ferreira Brandão  
Christovão Domingos Barbosa

Simão Esteves d'Almeida Nazareth

Manoel da Cunha Barradas, pela Cooperativa dos Chapelleiros

José d'Oliveira Moura

João José Pereira Guimarães

João Raphael Leão

Alberto Esteves, por procuvação

Alves Neves da Silva

Manoel d'Oliveira

Avelino Augusto Corrêa

Mamede José de Carvalho

Vinva de Manoel Pereira da Veiga

Costa Braga & Filhos

José Pereira Braga

Victorino d'Almeida

Maia, Silva & Filho

Dias & Castro

José da Costa Guimarães

Lino de Oliveira

Francisco Lopes d'Almeida

Francisco Antonio Pereira

Joaquim Pinto Maximo

Manoel da Costa Brilhante, em Commandita».

## «A Luz do Commercio»

Mais um anno de trabalho dedicado em beneficio da nossa classe, acaba de passar por sobre a existencia do nosso presadissimo e leal confrade portuense «A Luz do Commercio», semanario que pela sua verdadeira coragem e dedicacão á causa se tem sabido impôr, pela imparcialidade e brio jornalístico, á consideração de todos quantos luctam pelas regalias dos caixeiros portuguezes.

Nunca nos sentimos bem se não quando falamos pela Verdade. E é por isso que dizemos bem alto que «A Luz do Commercio» tem sido um forte bastião de defeza da nossa causa, um intemerato luctador pelas regalias da classe.

Acceite, pois, «A Luz do Commercio», a nossa sincera felicitação e os desejos de que a sua vida se alongue: e conte sempre com a nossa collaboração humilde, mas muito leal e muito sincera, na propaganda das causas da classe a que pertencemos.

Um abraço a todos os que fazem parte do quadro redaccional e da administração da «Luz» amiga.

## «Damião de Goes»

Conta mais um anno de existencia este nosso distincto collega de Alemquer, superiormente dirigido por Henrique Campeão.

As nossas cordeaes felicitações ao presadissimo confrade, pelo seu anniversario e pela excellente collaboração que insere em o numero especial dedicado ao mesmo anniversario.

## O n.º 20

Por erro typographico, saiu o jornal de 30 do mez passado com o n.º 20, quando deve ser e é 21.

Fica, por este modo, corrigido o erro e pedimos aos compositores que não repitam d'estas «gralhas», com as quaes a redacção não tem culpa absolutamente nenhuma.

## «O Luctador»

Recebemos este collega de Vianna do Castello, com quem vamos estabelecer pennula.

## A FRATERNIDADE

### Associação H. dos Bombeiros Voluntarios

#### O seu 22.º anniversario

Nem só o soldado colhe louros, no campo da batalha; nem o nome de heroe se obtem por simples ou arrojados feitos d'armas.

E' tambem heroe o que arranca vidas das chamas sempre horrorosas do incendio:—este é horoe porque, voluntariamente, se arroja com vivacidade e coragem ao perigo, lutando encarniçadamente com o fogo em brasa, para salvar os que a dentro do predio incendiado só pensam na morte—que caminha impiedosamente para elles.

E', pois, o bombeiro, um heroe, um arrojado, porque os seus feitos no incendio são sempre de admiravel coragem e de extraordinario patriotismo.

Ser bombeiro, é ser heroe:—heroe pela coragem, pelo brio, pelo patriotismo e pelo amor á humanidade.

Ao lado da effigie do bombeiro, está sempre a Patria e a Caridade.

E, para nós, que somos barcelenses, a passagem do 22.º anniversario da benemerita Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios, é um facto que muito nos faz rejubilar, que muito e muito engrandece esta nobre terra.

Ao lado dos muitos que já falleceram, e na primeira plana dos dedicados, pelo amor e patriotismo, áquella distincta e florescente corporação, nós devemos destacar, de entre outros, os srs. Manoel Pereira Esteves e Joaquim Antonio Pereira, dois homens cheios de amor pela Associação dos Bombeiros.

A *Fraternidade*, na pessoa d'estes dois incansaveis commandante e 2.º commandante, sauda effusivamente o corpo activo:—e na do sr. Manoel Ramos de Paulo, presidente da direcção, sauda toda a corporação cujo 22.º anno de fundação se comemorou no dia 6 do mez corrente, com a festa que a seguir passamos a descrever, muito resumidamente, porque o espaço de que no presente numero dispomos é demasiadamente exiguo para dizermos da brilhante festa tudo quanto era desejo nosso.

Na manhã do dia 6, ouviu-se o toque de alvorada pelo clarim do corpo activo, não sendo esta feita pela Banda da Associação, como nos demais annos, por motivo do tempo, que impossibilitára, pela chuva, esta demonstração festiva.

Às 11 horas da manhã, o rev. Manoel Esteves, celebrou missa no templo da Ordem Terceira, com assistencia numerosa de povo, convidados, socios, direcção e corpo activo da benemerita corporação. No côro, a banda executou primorosamente uma linda symphonia.

A sessão solemne começou às 2 horas da tarde. Abriu a sessão o digno presidente da direcção sr. Ramos de Paula, que disse ser aquella festa commemorativa do 22.º anniversario da fundação da Associação

e tambem destinada a prestar homenagem a dois individuos d'esta terra, a quem a Associação dos Bombeiros muito deve. São elles os srs. José de Bessa e Menezes, benemerito da corporação, e Joaquim Antonio Pereira, 2.º commandante do corpo activo, a quem a Associação deve importantes serviços, dedicações e esforços inexcediveis.

Convida para presidir o sr. *Visconde de Godim*, que foi delirantemente recebido pela numerosa assistencia.

S. ex.ª agradece o honroso convite que de vespera lhe fora feito para occupar aquelle logar, e diz não poder declinar tal honra, porque dois motivos o trouxeram alli. O 1.º, é associar-se á manifestação de regosijo pela passagem do 22.º anniversario d'aquella corporação, e o 2.º á inauguração do retrato de um seu intimo amigo e bem merecedor d'aquella homenagem.

Tem phrases elogiosas para a Associação e, n'uma passagem rapida, mas cheia de brilho e eloquencia, faz o elogio ao distincto benemerito da Associação, sr. José de Bessa e Menezes.

Muitos e repetidos applausos recortaram, por vezes, e brilhante discurso do sr. Visconde de Godim.

O sr. *José de Queiroz*, professor da Escola Agrícola José de Bessa, produziu um bello discurso, que lhe mereceu muitos applausos.

No final, referiu-se ao sr. José de Bessa enaltecendo as suas qualidades.

O academico sr. *Gonçalo Araujo*, fez referencia ás instituições beneficentes, tecendo elogios aos srs José de Bessa e Joaquim Antonio Pereira, cujos retratos foram inaugurados n'aquelle momento.

O sr. Gonçalo Araujo revelou-se um orador, de distinctas qualidades, pelo que foi muito saudado.

Fallou em seguida o sr. dr. *Augusto Monteiro*.

Este illustre barcellense, como sempre o tem sido, foi muito saudado.

O orador, que já foi presidente da direcção d'aquella casa, fez a sua consagração ao benemerito sr José de Bessa, a quem levantou um viva, o qual foi geralmente correspondido.

O sr. presidente fez elogio a todos os oradores e deu a sessão por encerrada com um viva ao sr. José de Bessa.

Muitos outros vivas se levantaram na sala, aos srs. Visconde de Godim, José de Bessa, á Associação, etc.

A banda tocou o hymno da Associação, e em seguida, a direcção, com a musica e muito povo, foi cumprimentar o sr. José de Bessa e Menezes.

—Às 8 horas da noite, realisou-se o costumado banquete do corpo activo, direcção e alguns socios, onde se fizeram muitos brindes.

O sr. Joaquim Antonio Pereira, foi novamente alvo de muitas manifestações, que foram merecidissimas, porque, diga-se

com verdade, ninguem o tem excedido, em trabalho e dedicação, na florescente Associação.

—Do intimo d'alma nos associamos á festa, e felicitamos a distincta corporação pela passagem do 22.º anniversario.

## Correspondencias

### Setubal, 10

Reuniu no preterito domingo, 7, a assembleia geral da associação dos empregados de commercio d'esta cidade.

Presidiu o nosso illustre collega Joaquim Brandão, secretariado pelos collegas Matos Paulo e Lourenço Carquejeiro.

Aberta a sessão, o collega presidente expõe á assembléa quaes os fins da reuião, que eram:

1.º—Apresentação dos trabalhos da comissão especial de encerramento.

2.º—Resposta a uma consulta da União dos empregados de Commercio do Porto, ácerca da federação e da representação da classe no congresso de Londres.

3.º—Projecto da modificação dos estatutos.

Fez em primeiro logar uso da palavra o collega Brandão, que se refere largamente sobre os ultimos acontecimentos occorridos n'esta cidade.

Historia a fórma como a classe local tem sabido manter-se perante a causa do encerramento, e diz ter a classe alcançado uma victoria, que elle sempre julgou impossivel obter-se, ou seja o ter-se conseguido o encerramento das mercearias.

Termina fazendo votos para que a victoria agora alcançada seja duradoura e que a classe continue compenetrada dos seus deveres.

Em seguida é dada a palavra ao collega José Agostinho Paulo, presidente da comissão do encerramento.

Este collega começa por agradecer á classe o apoio que prestou á comissão em todos os trabalhos realizados em prol do encerramento.

A seguir leu varios officios trocados com diferentes individualidades e collectividades e propôz para que a comissão desse por finda a sua missão.

Sobre esta proposta falaram varios collegas, ficando

por fim resolvido que a comissão continuasse e só desse por findos os trabalhos no proximo mez de fevereiro.

O segundo assumpto consistia em a nossa prestimosa collectividade dar o seu parecer sobre a federação; ficou resolvido dar plenos poderes á União para tratar de organizar a federação, e sobre a nossa representação no congresso foi tambem resolvido que seja dada a preferencia a um caixeiro portuguez e em segundo logar ao collega hespanhol Mario Antonio.

Sobre o terceiro assumpto, ficou nomeada uma comissão encarregada de fazer a reforma dos estatutos, os quaes devem estar o mais breve possivel nas estações competentes, para assim serem approvados.

Como nada mais havia que tratar, o collega presidente encerrou a sessão.

—Acaba de subir ao mais elevado grau que todos nós, caixeiros, ambicionamos, o nosso querido amigo Thomaz Leocadio Xavier.

Que a nova vida, que brevemente vae encetar, lhe seja prospera, é o que do coração lhe desejamos.

—Está doente, por motivo de desastre, o nosso querido amigo o estimado collega Luiz Lopes da Silveira, correspondente da «Luz do Commercio», n'esta cidade.

Que em breve o possâmos ver completamente restabelecido, são os nossos ardentes votos.

—Passa no proximo dia 22 o 8.º anniversario da fundação da associação dos empregados do commercio local. Consta-nos que para solemnizar este dia haverá uma conferencia por um distincto orador d'esta cidade.

A. V. E.

Alcacer do Sal, 25—12—905  
(Atrazada)

Retizou da casa do sr. Abel Augusto da Costa Amaral, e partiu para Quelimane (Africa) o nosso amigo e collega José Antunes Sardinha.

A este collega desejamos boa viagem e um futuro prospero.

Em substituição d'este, ficou o collega Antonio Joaquim Figueira, rapaz que tem algumas sympathias n'esta terra.

Preto Mahé.

## “A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ca.º Set.